

Colômbia: aeroportos, hotel e gente

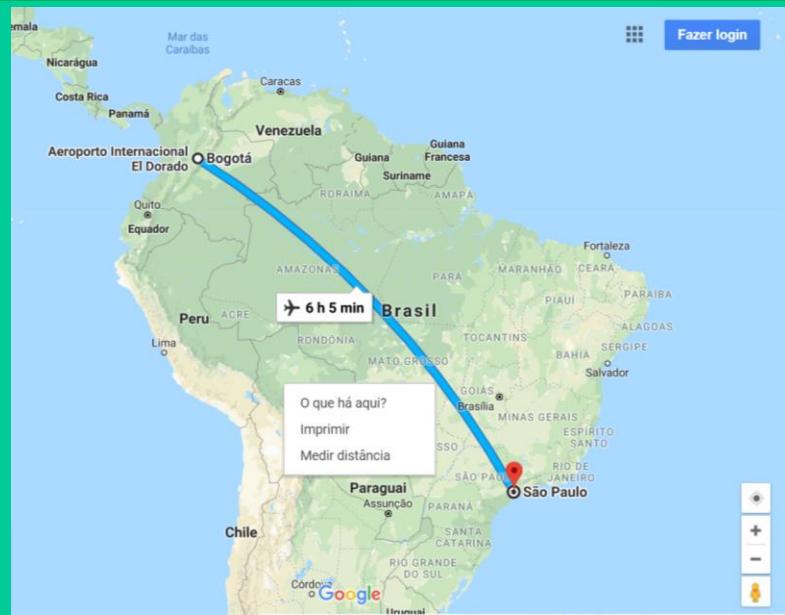


Fonte da imagem: http://www.colombia.co/wp-content/uploads/2013/07/símbolo_spaetios_th1.jpg

Estou no Hemisfério Norte, para curtir pequenas férias de verão, o que parece estranho, porque sempre associo sol, praia e temperaturas tropicais, com a parte sul do mundo. Equívoco, eu sei, mas associo.

O avião atravessou o Equador e nada de haver turbulência, como sempre se supõe que pode ocorrer, ou de a gente sentir que mudou de lado, afinal continuo na América do Sul.

Desde a escola primária, os nomes e as divisões dos continentes me incomodavam: Por que a América Central não fica exatamente sobre o Equador? Por que a Europa e a Ásia são dois continentes quando podiam ser um só? Por que a Austrália nucleia um continente e a Groenlândia não tem o mesmo direito? Minha professora da quarta série primária, Dona Maria da Paixão, esmerava-se em tentar responder estas perguntas, mas acho que nunca me convenceu, em que pese ela ter sido alguém que me fez gostar de Geografia.



O desembarque em Bogotá foi tranquilo. A cidade embora localizada na área tropical da Terra, está a uma altitude de 2.640 metros, o que faz com que suas temperaturas oscilem pouco, em função da zona climática, mas sejam proporcionalmente baixas, para uma situação geográfica equatorial, em decorrência desta altitude. No entanto, o pessoal que regula o sistema de ar condicionado do aeroporto deve ter um sensor diferente do meu, porque senti um frio danado neste ambiente, ainda mais considerando que estou psicologicamente preparada para as férias de verão.

Mal desci do avião, senti este frio e me perguntei por que um arquiteto resolver fazer toda a ambientação de um aeroporto em cinza. Tem algo mais anódino? Menos receptivo? Mais frio e sem graça? Sempre me lembro de Barajas, o Aeroporto de Madri, em sua ala nova, com teto feito de bambu, dando um tom castor amarelado à cobertura o que contrasta com as colunas em azul royal. Escolher materiais e cores quentes não seria um bom modo de receber os viajantes? Talvez, os europeus valorizem mais a escolha de ambientes quentes, do que nós que vivemos em países onde o calor predomina a maior parte do ano.

Barajas - Madri



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wk//File:Madrid_barajas_aeropuerto_terminal_f4.jpg

El Dorado - Bogotá



Fonte: https://es.wikipedia.org/wk//Aeropuerto_Internacional_El_Dorado

De todo modo, o cinza das paredes e do piso, combinado ao predomínio do aço inox, é compensado, em Bogotá, pelo burburinho de vozes altas, tão próprio do mundo latino, em que o público e o privado não são tão distintos como no mundo anglo-saxão.

Famílias inteiras esperam filhos ou parentes que chegam para o Réveillon ou as férias, e conversam tão alto que parecem estar na cozinha de suas casas. Os carregadores de mala oferecem seus préstimos, aos berros, e correm de um lado ao outro tentando pegar um serviço extra e, assim, aumentar a renda para comprar um espumante para a última noite do ano. O pessoal de apoio da Avianca dá informações aqui e ali, sem chegar a esclarecer muito o que desejamos saber. Tudo isto gerava vários decibéis flutuando no ar e uma confusão de sons que se misturava com o excesso de imagens de publicidade: muita coisa ao mesmo tempo, para quem desejava apenas encontrar o painel com informações sobre os voos nacionais.

A conexão para Cartagena das Índias não demorou, mas, ainda assim, houve tempo suficiente para observar o aeroporto e os tipos humanos, que por ali circulam, o que é

um ‘esporte’ que gosto de praticar. Há, em que pese o cosmopolitismo que marca estes espaços, um jeito singular de cada aeroporto, seja no modo como se apresentam as lojas de souvenires, seja pela presença maior ou menor de lojas de grife, cafés e restaurantes, seja, sobretudo, em função das pessoas que aí circulam.

Podemos começar pelas aeromoças da Avianca, cujo traje vermelho domina a tarde de 29 de dezembro de 2017, no El Dorado (por que denominam o aeroporto com este nome tão caloroso e brilhante e escolhem o cinza para fazer o décor é que não consigo entender). Elas podem ser consideradas um bom exemplo da mulher colombiana branca (não vi nenhuma aeromoça negra, mas deve haver!?), com seus cabelos lisos e brilhantes (isso sem considerar a quantidade de laquê e outros produtos que usam para manter topetes e coques no alto da cabeça). Estão muito, mas muito mesmo, maquiadas. Têm cintura fina, seios volumosos e bumbuns protuberantes. E precisava ainda estarem vestidas de vermelho?

Andando para lá e para cá, outras colombianas mostravam o mesmo tipo de beleza e modo de se arrumar: os decotes são sempre grandes, as roupas, no geral, muito justas, os brincos enormes e as roupas muito coloridas, o que deixa seus dentes ainda mais brancos. Ainda que sejam exuberantes demais, para um período em que o modelo de beleza difundido é da esbelteza, as colombianas, são, no geral, bonitas e, o que é melhor, acham-se bonitas, pelo modo cheio de segurança como desfilam e pelo número de vezes que se olham no espelhinho retocando a maquiagem.

Entre os passageiros, que suponho que sejam os nativos, predominam as famílias, com três ou quatro filhos, com muita bagagem de mão, incluindo sacolinhas com comida e bebida (*snackers*, balas, refrigerantes etc.), que vão sendo distribuídos à criançada, na mesma medida em que começam a se agitar e a correr para lá e para cá.

Entre os estrangeiros, havia gente de todo tipo: muitos casais de mais de cinquenta anos, alguns até bem mais idosos, mas também gente jovem vestida de modo descolado: todos estão tatuados e me sinto fora do meu tempo ao constatar que sou um ser humano que vive em 2017 (quase 2018) sem ter decidido inscrever nada na própria pele.

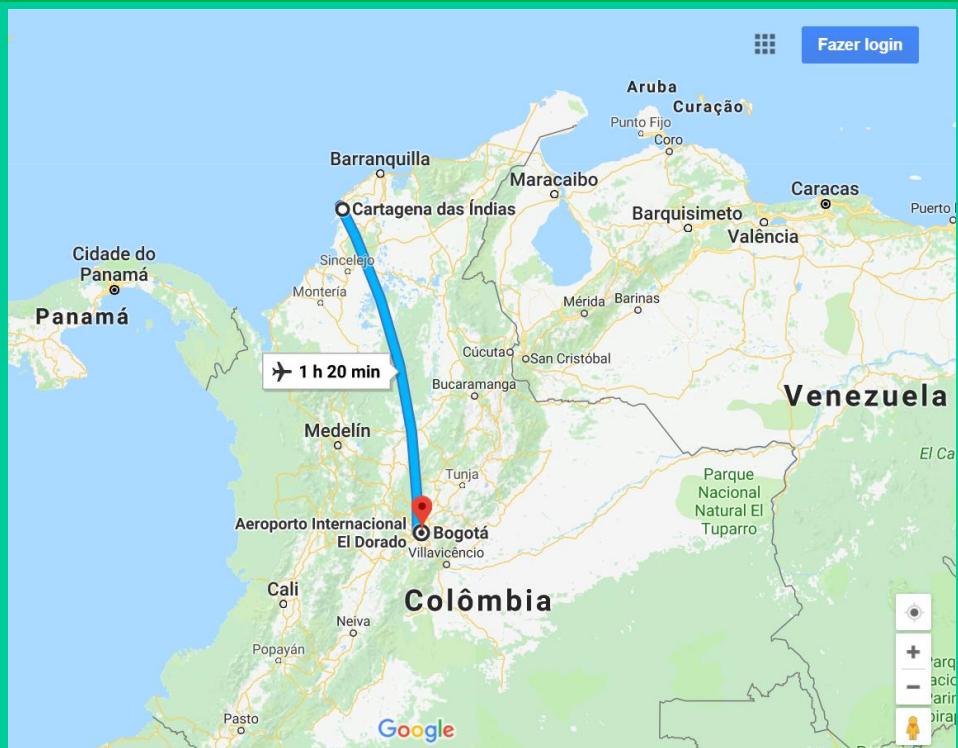
Estando aqui e vendo tanta gente vestida de modo informal demais para o meu gosto, lembrei-me do primeiro aeroporto que conheci na vida, nos primeiros anos da década de 1960: o de Congonhas. Meu avô levava todos os netos até lá, para comprar sorvete Kibon, algo ainda raro e pouco acessível para a maior parte dos paulistanos, naquela época, pois os carrinhos de distribuição circulavam, apenas, em algumas áreas da metrópole em constituição, uma vez que ainda não havia os refrigeradores próprios hoje tão comuns hoje em qualquer ponto de venda de alimentos, dos grandes hipermercados ao mais simples boteco de esquina. Eu ficava encantada com o chão em preto e branco (que ainda bem não tiveram a ideia de substituir nas muitas reformas pelas quais já passou o aeroporto desde então) e com as mulheres elegantes

de *tailleur*, bolsa e sapato combinando, de preferência azul marinho e branco. Algumas completavam o traje com luvas e chapéu.

O mundo mudou muito mesmo. Ainda que eu tenha certa nostalgia dos anos 1960 e guarde as imagens das mulheres elegantes na memória, ver gente de todas as classes sociais circulando pelo El Dorado é muito bom.

Mudaram também os estilos de vida, os modos de relacionamento e comportamento. Cada vez há mais homoafetivos, mais viajantes sozinhos, tanto homens como mulheres, mais grupos femininos de terceira idade, mais gente do mundo mulçumano no mundo cristão, mais casais de idosos que não se vestem e não se comportam como eu imaginava, antes, que se vestia e se comportava gente desta faixa etária, mais cachorrinhos sempre cuidados como se fossem crianças, mais de tudo e tudo com mais diversidade, desigualdade e diferença.

O alto falante chama para embarcar, rapidamente as filas se formam e eu interrompo minhas observações sobre os tipos humanos...



O trecho até Cartagena, nossa primeira cidade de estadia na Colômbia, foi rápido e a chegada cheia de surpresas. O calor era escaldante para quem vinha enregelada no avião foi a primeira delas, e muito agradável, pois me possibilitou recobrar meu equilíbrio térmico. A falta de sinalização e orientação, a segunda surpresa, e esta não era tão agradável, porque, afinal, ao se descer a escada do avião, não havia qualquer indicação de por onde seguir e lá fomos nós evitando as poças d'água (acho que a chuva parou pouco antes de desembarcarmos) e buscando, pelo cheiro, a sala de desembarque, observando quase uma dezena de aviões da Avianca que estavam aterrissados.

A terceira surpresa foi a pior de todas: embora se indicasse que as malas estariam na esteira 4, elas estavam também na 3, eram cuspidas para cima do tapete rolante como se o fossem por um conta-gotas entupido e nunca em quantidade e ritmo adequado ao afã que dezenas de passageiros manifestavam. Na pior mesmo, ficaram os últimos 10 ou 12 passageiros, entre eles nós, os quais olhavam a esteira rolando vazia e nem sequer tinham para quem reclamar, até alguém gritar que se dirigissem até o balcão da empresa. E lá fomos nós para sermos informados que uma das nossas malas tinha ido por engano para Santiago do Chile. É mole?

Nestas horas, é fundamental ter alguma paciência a raciocinar pensando nas compensações. Haveria alguma? Acho que não, a não ser escrever três linhas a mais neste diário e ter a oportunidade de relembrarmos quando o mesmo aconteceu com meu marido em Varsóvia e nenhum dos funcionários de plantão entendia bem o inglês. Ao menos aqui podíamos nos comunicar com nosso portunhol.

O fato é que passamos até às 10h da manhã do dia seguinte, para ver a tal mala chegar no Hotel Almirante, onde estamos hospedados em Cartagena.

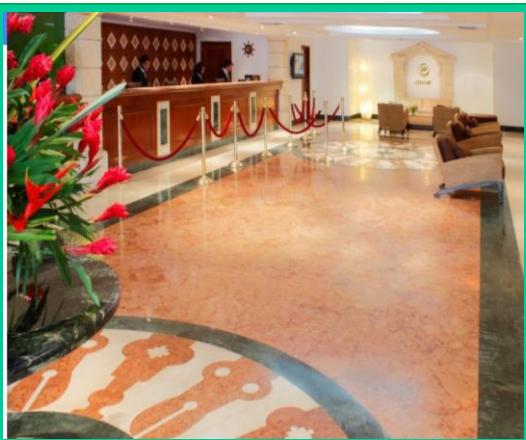
O hotel merece comentários, sem dúvida, porque ele poderia ser tomado como um exemplo da alma colombiana, mescla de muitos tempos e espaços. Embora sua arquitetura seja modernista, com suas linhas retas e fachada dominada pelos vidros, internamente a decoração é uma mistura louca de influências de todo tipo.

Os desenhos dos pisos de granito e os corrimões das escadas remetem, ao menos, ao século XIX. Um grande portal esculpido em pedra, com estilo que ouso classificar como colonial quase barroco ou pós-barroco, enfeita a entrada das salas de café e o restaurante do segundo andar.

Enfeites de ferro fundido, enquadram os painéis cerâmicos com os números dos apartamentos. O restaurante é adornado com uma romântica fonte de água. Suas mesas são de madeira, com cerâmicas esmaltadas pintadas à mão adornando os tampos.

Nas paredes laterais da escada principal, há uma porta janela antiga que deve ter sido de alguma residência construída no século XVIII ou XIX ou é cópia de uma delas. Os pisos dos apartamentos são de cerâmica vermelha escura com algumas delas enfeitadas com desenhos também esmaltados. Para completar a miscelânea de influências havia uns painéis tipo árabes que mesclam a passagem de luz.





Fonte das fotos de cima: <https://www.hoteis.com/ho239715/hotel-almirante-cartagena-colombia-cartagena->



O café da manhã foi chamado, pela recepcionista que nos convencia a incluir o pagamento dele no momento do check-in, como de “tipo continental americano”, embora não chegue a tanto, no que se refere à variedade de produtos oferecidos. No entanto, ele me lembrou um pouco do café da manhã dos hotéis mexicanos, nos quais a gente fica em dúvida se já não teríamos errado de horário e pulado do café da manhã direto para o almoço, tal o olor, quase odor que exala das panelas com sopa, feijão, ovos estrelados e mexidos, batatas. No Almirante, a maior caçarola que havia tinha em sua frente uma plaquinha informando “*Calentado*”. O que é isto? Mais ou menos o que

chamamos no Brasil de mexido, ou seja, tudo que sobrou das refeições anteriores, bem picadinho, desfiado, misturado e requentado....

O tamanho dos pratos feitos pelos colombianos, ao final do percurso ao longo do buffet, é de dar medo a nós brasileiros que somos mais frugais na primeira refeição do dia.

A praia em Cartagena não é nenhum esplendor de beleza, porque a areia de um cinza acinzentado demais (sei que cinza acinzentado é estranho, mas uso apenas para reforçar) dá, ao mar, a cor de um azul triste. Certa particularidade charmosa é dada pelos moles de pedras que estão a cada 100 ou 200 metros e que suponho que foram construídos para deter a força do mar sobre a linda península onde se alonga a cidade, mas sobre ela falarei na próxima seção deste diário de viagem, porque agora vou escrever um pouco mais sobre gente e contar sobre duas pessoas que conhecemos em nosso primeiro dia de praia: Raisson e Cassandra.



Se é assim que se escreve Raisson não sei, mas é assim que ele se chama e repetiu várias vezes seu nome para a gente apenas conseguir supor que pode ser que seja isto. Mal pusemos o pé na areia, ele se apresentou, oferecendo a locação de um guarda sol e duas cadeiras por 20 mil pesos colombianos (mais ou menos 25 reais). Como quisemos mais uma espreguiçadeira, ele cobrou mais cinco mil pesos... Raisson é rápido e vai atendendo cada pedido, com um sorriso e boa capacidade de improvisação: Uma mesinha para colocar as bolsas e as toalhas? Lá vinha ele com uma caixa de plástico, própria para carregar garrafas de cerveja e uma tábua velha por cima. Água com gás? Ele não tinha, mas buscava com o baraqueiro do setor seguinte. Vontade de uma coca cola, lá estava ele por perto. Fico imaginando quantas vezes Raisson vinha do seu setor de abastecimento (algumas caixas de isopor, próximas à calçada) até os guarda sóis que ele mesmo deve ter montado bem cedo.

No dia seguinte, indo à mesma praia, resolvemos buscar não o seu setor de barracas azuis, mas outro. Mal nos chegávamos a ele e Raisson que nos vira de longe, veio ao nosso encontro oferecendo novamente os seus serviços. E dava para rejeitar? Lá fomos

nós para os guarda-sóis azuis. Raison representa uma enorme quantidade de pessoas no mundo que se viram, que não tem preguiça e que encontram em cada pedacinho de oportunidade uma chance para ir fazendo a vida.

Cassandra, ah Cassandra! Ela e mais algumas dezenas, isso mesmo dezenas, de mulheres negras (aqui é ao contrário, se há brancas não vi) perambulam pelas areias oferecendo seus serviços de massagem. Ela agachou na areia, ao lado de nosso guarda sol, e foi se apresentando e nos informando o quanto ficaríamos satisfeitos com seus serviços. Fazia isso ao mesmo tempo que colocava seu braço negro ao lado do meu e me perguntava se eu queria ficar bronzeada como ela. Pensava eu: nem tanto. Falava sem parar, desfiando um rosário de vantagens que teríamos por contratá-la. Carregava uma bisnaga com um creme esverdeado, cuja aparência me fazia supor que talvez tivesse abacate na composição, e um baldinho com água cinza, retirada ali do mar mesmo, porque no fundo se via um pouco de areia depositada. Garantia de higiene: zero. Controle sobre a composição do creme: nenhum. Ficar na praia deitada na espreguiçadeira de barriga para baixo em quanto a simpática Cassandra me fazia massagens: nem mortal!

Não queria ser desagradável, porque ela era simpática e vi que uma estratégia seria não cruzar meus olhos com o dela e ir fazendo minhas coisinhas: passando protetor solar, arrumando a toalha, pegando o livro na sacola [A menina que roubava livros, de Markus Zusak, que eu recomendo] e ela continuava tentando me convencer.



Depois de inúmeras vezes explicando que era nosso primeiro dia de praia e preferímos ler tranquilamente e depois fazer uma caminhada, ela concordou em parar de insistir, não antes de nos advertir que não deveríamos, de modo algum, pegar o serviço de outra que o oferecesse e que não nos esquecêssemos que ela se chamava Cassandra. Sentou-se à sombra do guarda-sol ao lado esperando um novo freguês, junto com sua companheira de trabalho. Olha ela aí de cor de rosa na foto ao lado. No dia seguinte, lá estaria ela para oferecer, novamente, a massagem. Ainda bem que não foram precisos tantos minutos para convencê-la de que não queríamos seus serviços.

Carminha Beltrão

Finalzinho de 2017